JESUS, MARIA, JOSÉ



Composição e desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho.

Artista sem liberdade é corpo sem alma, que a liberdade é inspiração, e a inspiração a vida do espirito. A tela não se anima senão com as suaves harmonias da lyra de Homero, de Camões, de Tasso, de Milton, ou com os mysteriosos canticos que a natureza entôa na amplidão de ceos e terra. No primeiro caso o artista vôa com azas alheias, mas só em quanto não chega ás alturas onde subiu o genio do poeta. No segundo sobe mais alto; e, para completar a obra do genio contingente, procura a inspiração de Deus, pedindo-lhe côres para imprimir na folha esse tom que o poeta apenas esboçára no vago, no abstracto, na variavel convenção de uma palavra; côres que dêem á obra o relevo da fórma e da expressão, até á illusão da vida e do movimento, que fez recuar Paulo III ao ver o *Juizo final* de Miguel Angelo. Só assim é que o artista reproduz — só assim cria. Prohibi-lhe que percorra o espaço, que ultrapasse as nuvens, que escolha livremente no admiravel matiz da natureza o que mais deslumbra os olhos e seduz o espirito, e vereis que o fogo do engenho se amortece, apaga, e extingue de todo.

Da inspiração da fé, e da amargura d'estes tempos calamitosos, que levam a pôr olhos de espe-

rança na mais alta das regiões, nasceu o quadro em que tendes a vista. Suppra o gosto, a convicção, o respeito, a fé, o amor com que o desenhámos, o que n'elle faltar de verdadeira uncção artistica. Oxalá que com egual gosto, com egual convicção, com egual respeito, com egual fé, com egual amor, as almas piedosas peçam aos Santos Personagens, á Sacratissima Familia, que aqui offerecemos á sua benevolencia, que libertem Lisboa da epidemia assoladora, que está immolando tão numerosa e tão util parte de nossos irmãos.

NOGUEIRA DA SILVA.

REI OU IMPOSTOR?

Chronica portugueza

XXI

A pobre ama do pasteleiro, estando mesmo nos ultimos dias da gravidez, foi posta a tormento. Na sua declaração espontanea, como nos tratos, não pôde dizer senão que era portugueza; que se chamava Clara; que havia cinco annos vivia com Gabriel de Espinosa, que a levára comsigo a varios pontos de Portugal, exercendo em todos elles o officio de pasteleiro, mas que sempre lhe dizia:

—«Se tu soubesses quem eu sou, e se te podesse levar a minha casa em Castella, ter-te-hias por ditosa! Mas não saï de Castella de modo, que possa tornar lá a descoberto!» Do officio de pasteleiro usava para que se não dissesse que era vagabundo. De tempos a tempos recebia porção de dinheiro, que lhe bastava a supprir-se. Quando esta quantia, que sem duvida lhe enviavam seus parentes, se lhe acabava ou tardava outra, appellava para o officio. Por fim passára com elle a Castella, onde primeiro se estabeleceu na Nova Medina, e depois em Madrigal. Nunca Espinosa lhe confiára segredos, nem a fizera participante de seus negocios. Disse que, pouco tempo depois de estar em Madrigal, Gabriel estreitára amizade com o vigario das freiras, e com elle tinha largas e secretas conferencias, sem que jámais transluzisse o seu objecto, passando communmente da conferencia ao convento, d'onde não tornava senão á noite. Unicamente ferira a sua attenção, havia pouco tempo, chegarem uma manhã ao raiar do dia a sua casa, tres cavalleiros portuguezes, com quem o pasteleiro se encerrára e tivera larga pratica. Ao despedirem-se derramaram muitas lagrimas, dando mostras de grande sentimento, sem quererem acceitar umas gallinhas que Espinosa lhes mandára preparar. Tambem acrescentou, que uma menina que tinha comsigo era filha sua e do pasteleiro; protestando que nada mais sabia dos negocios d'elle, nem d'antes, nem depois de vir a Madrigal.

XXII

Ao mesmo tempo que D. Rodrigo Santillan tomava declarações aos demais presos, ia de noite e só sem escrevente nem outra pessoa que o ajudasse, ao interrogatorio do pasteleiro, e com elle consumia algumas horas, tanto por ser só, como pelo mysterioso das palavras do preso, que nunca acabava de declarar-se.

—Como vos chamaes? (lhe perguntou o juiz na primeira assentada).

—Gabriel de Espinosa (respondeu o preso).

—Que edade tendes?

—Não o sei ao certo, mas creio passar de cincoenta annos.

—D'onde sois natural?

—De Toledo.

—O nome de vosso pae?

—Não sei.

—E o de vossa mãe?

—Ignoro-o tambem.

—Como! (exclamou o juiz) Não conhecestes, nem soubestes os seus nomes?

—É como vol-o digo.

—Logo sois homem de baixa condição.

—É falso! (lhe tornou Espinosa com certo ar de orgulho e desprezo).

—Então faltaes á verdade.

—É uma injuria.

—Pois para que nos entendamos dizei francamente quem sois (tornou o juiz meio impaciente).

—De que serve perguntar-me quem sou? Não dizeis que tendes commissão do rei?... Sua magestade conhece-me perfeitamente, sabe bem quem sou. Mande quem me conheça, que muitos ha na corte n'esse caso, e a seu lado os tem.

—Quando sua magestade o souber, fará o que tiver por mais conveniente. Entretanto devo averiguar a vossa origem, e se voluntariamente não a confessaes, obtel-o-hei de outro modo...

—Talvez pondo-me a tormento? (disse Espinosa com desdem).

—Não se trata agora de dar-vos conta das minhas intenções, o que se trata é de responderdes ao que pergunto.

—Por mais que vos empenheis, nada sabereis da minha origem, senão o que eu proprio sei, e é, que fui achado á porta de uma egreja de Toledo.

—Como vos qualifiquei bem, quando disse que ereis homem baixo!

—Neguei-o, e nego-o. De mais, a vossa qualificação pouco me preoccupa.

Desesperado de obter melhores esclarecimentos sobre o verdadeiro nome e procedencia de Espinosa, D. Rodrigo Santillan pensou um momento, a ver se descobria algum novo meio de ataque. Cançado de excogitar sem fructo, voltou por fim aos termos ordinarios do interrogatorio.

—Que officio tendes? (perguntou elle).

—Primeiramente aprendi o de tecelão de veludo, e depois o de pasteleiro, que exerci n'algumas partes, e ultimamente em Madrigal.

—E que especie de trato tinheis com D. Anna d'Austria?

—Um dia mandou-me essa senhora chamar, e encarregou-me algumas cousas tocantes a seu serviço. Procedi n'ellas como homem honrado. Ha pouco incumbiu-me a venda de umas alfayas, para o que fui a Valladolid. Eis toda a historia das nossas relações.

—E de que negocios tratastes com frei Miguel dos Santos?

—De cousas indifferentes, e que nada significam.

—Então como é que na carta que vos escreveu para Valladolid vos dava tratamento de magestade?

—Não sei. Nunca recebi similhante carta.

—Pois aqui a tendes (disse o juiz apresentando-lhe a que já démos a ler ao leitor). Vinha-vos dirigida. Não o podeis negar.

—Ah!... isso nada significa. Bom humor, e gracejos do eremita!

Por mais perguntas e esforços que D. Rodrigo fez não alcançou mais confissão do preso. Ás interrogações que lhe fazia, achava sempre saida vaga, insignificante ou emphatica. Á vista d'este procedimento teve o juiz que recorrer a repetidos interrogatorios. Só n'elles pouco a pouco se foi descobrindo alguma cousa d'aquella embrulhada meada. N'um d'elles lhe apresentou o juiz uma carta autographa de D. Anna, que, além de lhe dar o titulo de rei, lhe chamava primo, e lhe supplicava encareci-

damente declarasse quem era, pois bem via quanto isso interessava a todos. Espinosa sorriu-se.

— Vale tanto a carta da monja, como a do frade (disse elle). Era uma brincadeira com que me divertia á custa de ambos para que me obsequiassem, como o fizeram, e de que nunca suppuz que alguem podesse fazer o menor caso.

Em todas as occasiões em que Espinosa foi perguntado, respondeu sempre com presença de espirito e muitissima consequencia; e tanta, que nunca o póde o juiz encontrar em contradicção. Se alguma vez o apertava demasiadamente ou o ameaçava, respondia com magestade e decoro:

— Disse a verdade, nem todos os tormentos do mundo me fariam dizer outra cousa!

Ainda que o processo se instaurava com todo o segredo possivel, já d'elle tinha transpirado alguma cousa, e as conversações de Espinosa com o alcaide, com os que o guardavam, e com alguma outra pessoa, que por curiosidade o havia visitado, davam logar a mil anecdotas e conjecturas, dizendo uns, que com effeito era el-rei D. Sebastião, outros que era um impostor, e outros em fim que tinha trato com o demonio. Um celebre astrologo, chegado por aquelles dias a Medina, havendo-o observado, disse com tom de magistral convicção: — «Ou todas as regras da astrologia falham, ou este homem é um principe.» — O seguinte facto não concorreu tambem pouco para radicar aquellas suspeitas. A infeliz Clara, que, como dissemos, se achava mui adiantada na sua gravidez, quando padeceu o tormento sentiu que se lhe aproximava o momento de ser mãe, e avisou d'isso aos que a guardavam, que por ordem do juiz tiveram d'ella muito cuidado. Deu á luz um menino formoso, e summamente parecido á menina, de que já se tem fallado, tanto que visivelmente persuadiam serem filhos dos mesmos paes. Os guardas de Espinosa, para ver se elle o negava, ou o levava a mal, lhe annunciaram que Clara tivera o seu bom successo, e que elle tinha mais um filho. O pasteleiro não dissimulou a satisfação que tinha, e disse-lhes:

— Se é meu filho, não o poderá negar. Nascerá com um signal infallivel. Terá marcada n'um dos lados das espadoas uma adaga, e no outro uma espada.

Procurando logo occasião de reconhecer a criança, viram confirmado o que Espinosa lhes dissera, e tanta foi a admiração que isso causou (porque nem elle havia visto o menino, nem fallado com pessoa que o tivesse visto), que uns o tiveram por bruxo, e outros por homem extraordinario. Estas cousas, passando de bocca em bocca, chegaram mesmo a dar cuidado aos proprios juizes, que muitas vezes confessaram que Espinosa era homem singular, e, segundo sua instrucção, talento e educação, de mais alta origem do que a que manifestára em suas declarações.

O doutor D. João de Llanos y Valdez disse um dia, saindo de fallar com elle:

— Não é possivel senão que este homem seja algum principe, segundo obra e falla!

XXIII

Em quanto D. Rodrigo instruia com toda a diligencia o summario, e apurava todos os meios de averiguar aquelle negocio, o doutor Llanos y Valdez, a quem, como dissemos, se dera commissão ampla para entender nas pessoas ecclesiasticas, trabalhava incessantemente em Madrigal, tomando declarações ás pobres monjas, que estavam afflictissimas e aturdidas, particularmente as duas amigas confidentes de D. Anna, que tinham removido do mosteiro, e encerrado em prisão particular.

As infelizes nada sabiam da intriga. Serviam D. Anna como a uma companheira. Com toda a sinceridade do seu coração a tinham acreditado quando lhes dizia que o pasteleiro era el-rei D. Sebastião. Por mais que as apertassem com perguntas, não repetiam outra cousa.

D. Anna, inda que a principio insistiu em negar tudo, persuadida depois, de que frei Miguel e Espinosa alguma cousa haviam declarado já, e certificada de que a vontade de Filippe II, seu tio, era que se abrisse com os juizes, fel-o alfim com franqueza, referindo quanto lhe succedêra com o frade e com o pasteleiro. Insistia, porém, na idéa, de que effectivamente Espinosa era o rei de Portugal seu primo. Acrescentava que o não ter querido declarar-se antes, e não ter dado parte d'isso a el-rei seu tio, era porque temia que, ao saberem-n'o, o não prendessem e obrigassem a declarar-se inopportunamente; pois, segundo haviam tratado, D. Sebastião queria permanecer occulto até á morte de Filippe II, e concertar-se então com o principe para que lhe reconhecesse os seus indisputaveis direitos.

Empenhavam-se os juizes em persuadil-a de que tudo aquillo era um engano, e ella uma victima innocente. D. Anna respondia-lhes que todas as outras provas e motivos que tinha para crer que Espinosa era el-rei D. Sebastião podiam desapparecer; mas que nunca a persuadiriam de que o seu director espiritual, homem tão santo, tão virtuoso, tão servo da oração, conhecendo perfeitamente o rei portuguez, se tinha enganado, e muito menos, que maliciosamente a enganasse.

— Como é possivel (acrescentava D. Anna d'Austria banhada em lagrimas) que quem tão santos conselhos me deu para a salvação, quizesse perder a sua alma com peccado tão enorme? Bem temia eu (continuava ella em dolorosa exclamação) que se se descobrisse quem era, a ambição concertaria logo trama para perdel-o! O meu presentimento cumpriu-se. Empenham-se em fazer-me crer que fui enganada, para o fazerem morrer como impostor!

Fazia dó ver como o fanatismo e a paixão politica do frade tinham minado assim o coração ingenuo d'aquella pobre senhora!

Estavam as cousas n'este estado, quando um dia, retirando-se os juizes a casa, encontraram, cada um, introduzida por debaixo da sua porta, uma carta anonyma. Que diriam ellas no seu theor commum? Vel-o-hemos já. *(Continúa).*

A GOMMA-ELASTICA E A GUTTA-PERCHA

A gomma-elastica deve aos habitantes da Peninsula a antiguidade do seu descobrimento e applicações a varios usos, e especialmente á construcção de apparelhos cirurgicos. Mr. de la Condamine a considerava em 1736 producto exclusivo de uma arvore da America, que depois foi descripta por Aublet, dando-lhe o nome de *hevea guianensis*, e passou ao genero *siphonia*. Extrahe-se hoje de varias arvores e arbustos do *sipho-campylus caout-chouc* do Perú, da *vahea gummifera* de Madagascar, do *ficus elastica* e d'outras figueiras dos climas tropicaes, e especialmente do *siphonia elastica* do Brasil. Auctores antigos hespanhoes escrevem assim esta substancia: *cahuchic*, palavra que tomaram dos indios da America.

Aos inglezes somos credores da descoberta da *gutta-percha* e suas recentes applicações ás artes. É um succo similhante ao *caout-chouc*, que se extrahe por incisão da arvore da India *isonandra-gutta*. D'esta materia é feita uma das capas ou involucros dos arames telegraphicos electricos submarinos. A sua qualidade de impermeavel deve egualmente o ser applicada a varios tecidos, ao calçado para trabalhar em obras hydraulicas, á construcção de polvorinhos, co-

pos, etc. Tambem se fazem de *gutta-percha* o papel medicinal, invenção novissima, adornos, moveis, utensilios de escriptorio, tinteiros, bandejas e outros objectos. Os francezes escrevem agora *gutta-perka*. É de crer que, se se prolongar por algum tempo a sublevação das tropas indigenas na India, seja grande o augmento no preço do succo da *isonandra-gutta*, e o dos innumeraveis objectos que d'elle se fabricam.

A gomma-elastica, antes de suas innumeraveis applicações ás artes, teve tambem a sua infancia, como todas as invenções uteis. Usada em logar de pintura exterior ou forro nos navios pequenos de cabotagem, serve para evitar a acção do gusano *(teredo navalis)* n'alguns pontos da America; mas, se a chimica não viesse melhorar-lhe as condições, educando-a, por assim dizer, ficaria estacionaria ainda por muitos annos. Uma só e mui singela operação chimica faz da gomma-elastica um agente novo. Chama-se a esta operação *volcanisar*, e consiste em mergulhar os objectos de borracha ou caout-chouc n'um banho de enxofre a ferver. São incriveis os effeitos d'esta immersão, e é mister, para os conhecer, comparar uma tira ou cinta de gomma volcanisada com outra que o não tenha sido. Se esta se estirar, diminue de espessura, e nunca torna de todo a contrahir-se. Ainda que se dilate a primeira repetidas vezes n'uma extenção sextupla da sua natural, torna sempre a esta exactamente. A gomma volcanisada não se quebra, não se dissolve no azeite como a outra, não endurece demasiadamente com o frio, nem abranda com o calor, circunstancias estas ultimas, que a fazem inalteravel, e por conseguinte muito util nas regiões mais frias e nos tropicos; é mais impermeavel, mais resistente á acção de varios agentes chimicos, taes como o nitrato de prata e acido nitrico, e é, por fim, o corpo suave por excellencia, morbido, delicia do tacto.

Porém nos adiantamentos da nossa edade, como zizania entre o trigo, avultam os progressos da falsificação. Hoje tudo se falsifica, a honradez, como a liberdade, como a gomma volcanisada. Para lhe dar uma parte das propriedades d'esta por meio de um processo mais barato, se introduzem os objectos de gomma n'uma dissolução de sulfureto de carbonio e de chlorureto de enxofre; porém esta operação não muda a côr natural da gomma: tão importante circunstancia, e o cheiro insupportavel que exhala a indicada mistura, desmascaravam completamente a falsificação.

Para remediar o primeiro d'estes inconvenientes, se passam um instante os artefactos pelo banho de enxofre, e tomam uma côr esbranquiçada, similhante á que produz a verdadeira volcanisação; porém esta se distingue sempre e facilmente, porque os objectos da gomma-elastica, sujeitos á sua acção, ficam inodoros. N'este ponto adiantou muito pouco a industria dos contrafactores; o cheiro desagradavel descobre sempre a falsa volcanisação, e o preço dos objectos assim volcanisados é muito menor que o dos outros.

O fausto luxuoso pediu á gomma-elastica e á gutta-percha que lhe acrescentassem as suas commodidades. Estas duas substancias lhe amaciaram fofas almofadas e colchões de vento para se reclinar. A industria, com o seu auxilio, improvisou mil objectos para o uso domestico, botas e gibões para o caminhante, pentes para a presumida, ornatos para o toucador, utensilios para o escriptorio, açafates para a mesa da refeição. A infancia arredondaram pélas e globos, correndo com ella, amestrando-lhe os membros em agilidade e firmeza de movimentos. Prodigas aquellas duas substancias para com todas as condições e edades, concederam tambem á velhice innumeraveis regalos, que, para bem dizer, lhe prolongam a existencia, augmentando-lhe o bem estar.

Entretanto, quem deve maiores beneficios á gomma-elastica é a humanidade enferma. Que o diga a cirurgia, que em tantos instrumentos e apparelhos a emprega. Muitos são os usos da gomma no dilatado campo da orthopedia, da hygiene e da medicina. Ocioso fôra enumeral-os para os que não professam a arte de curar; para os peritos não faltam escriptos especiaes que recommendem e annunciem as novas conquistas que a sciencia vae fazendo todos os dias com o auxilio d'esta utilissima substancia.[1]

L.

VINHO DA ROSA

Nos vinhos, como em tudo, ha jerarchias, pela maior parte convencionaes, mas admittidas. Ao ananaz, por exemplo, que é o rei dos fructos, vimos nós já preferir o melão, apesar da sua vulgaridade. Convenção ou não, as cousas valem mais pelo merecimento relativo, que pelo absoluto.

Entre os extraordinarios objectos de luxo da rica Allemanha, que se haviam de apresentar na mesa do rei de Wurtemberg, por occasião da reunião dos hospedes imperiaes, Napoleão III e Alexandre II, figurara o celebre vinho de Rosenwein, de cuja posse se ufana a cidade livre de Breme. Sabido é que unicamente aos burgomestres d'aquella cidade é permittido extrahir algumas garrafas d'elle para seu uso particular, ou para presentearem os soberanos ou principes reinantes.

A historia d'aquelle vinho, do qual cada garrafa representa o valor de *onze milhões de francos*, contém o maravilhoso d'uma lenda.

A adega de Breme é a mais antiga da Allemanha. Está collocada por baixo d'um paço municipal. Uma de suas cavas, chamada a *Rosa*, encerra o famoso vinho de Rosenwein, que na actualidade conta dois seculos e meio. Em 1694 pozeram lá seis toneis de vinho do Rheno, e outros tantos de Nocheimer.

Nos outros compartimentos da adega ha tambem vinhos da mesma classe, ainda que menos antigos, arrecadados em 12 grandes estancias, cada uma das quaes é conhecida pelo nome de um dos apostolos.

N'outras galerias se acham vinhos de menos tempo; e quando se tira uma garrafa de Rosenwein, se preenche com vinho dos Apostolos, este por outro mais moderno, e assim por diante, de fórma que, ao contrario do tonnel das Danaides, aquellas vasilhas estão sempre atestadas.

Eis como se explica o custar uma garrafa de Rosenwein mais de dois milhões de *rixdallers* (cada rixdallers vale cerca de quatro francos ou 680 rs. da nossa moeda). Um casco de vinho de mil e vinte garrafas custava 500 *rixdallers* em 1624; contando as despezas de concertos da adega, as contribuições, os juros e os que produziriam estes capitalisados, custaria hoje 2,778,288,200 *rixdallers* (1,889,235,976$000 rs.); um copo, ou a oitava parte de uma garrafa, representa o valor de 340,476 *rixdallers* (aproximadamente 1,361,904 francos, ou 231,523$680 rs.); e por ultimo, uma gota, contando mil em cada copo, 500 *rixdallers*, perto de 1,362 francos ou 231$540 rs.

Os cidadãos de Breme tem direito a uma garrafa quando hospedam alguma personagem, cujo nome seja famoso na Allemanha e no resto da Europa.

A cidade de Breme mandava ás vezes uma garrafa de vinho da *Rosa* a Gœthe no dia dos seus annos.

L.

(1) A pharmacia do sr. Antonio Feliciano de Azevedo, na praça de D. Pedro em Lisboa, é por ventura o deposito mais completo de apparelhos de *caout-chouc* volcanisado.

INSTITUTO DO DR. MAZZA, EM VERONA.

Desde o anno de 1830 publicou o fallecido dr. Nicoláo Mazza os seus planos para, como elle mesmo disse, aproveitar as observações de pessoas sensatas na fundação dos seus institutos de educação. Tratou-se então de instituir tres, um do sexo masculino, outro do sexo feminino, e um terceiro, preparatorio para as missões d'Africa central, a que os outros fornecessem os elementos.

Para o primeiro estabelecimento escolheu Mazza só meninos pobres, que possuiam intelligencia e bons costumes, com o fim de lhes dar uma educação completa, deixando-lhes, porém, livre a vontade na escolha dos seus futuros destinos, segundo suas faculdades e inclinações.

Para o segundo destinaram-se meninas pobres e innocentes, que receberam educação para a vida familiar.

Ambos os institutos deviam naturalmente preceder alguns annos o terceiro. Os educandos destinados á missão recebiam instrucção em idiomas estrangeiros e na pedagogia, para podêrem trabalhar com efficacia como mestres e mestras. Mazza tambem libertou não poucas crianças negras de ambos os sexos, que foram educadas no estabelecimento, cuja instrucção achou tão facil, e cuja faculdade natural era tamanha, que no seu paiz natal não lhes tinha faltado senão occasião para se desenvolverem. Ao mesmo tempo procurou augmentar annualmente o numero d'essas pobres creaturas, que queria instruir na religião christã, nas artes e nas sciencias. Tendo-



se-lhes dado a necessaria educação, todos os negros foram enviados aos estabelecimentos de missões africanas para propagarem a fé e a educação adquirida, e assim trazerem os barbaros a gozar os beneficos fructos de uma vida verdadeiramente christã.

O dr. Mazza lembrou-se de assegurar o futuro dos seus institutos além da sua morte, e para isso escolheu em tempo ecclesiasticos de sentimentos e principios identicos aos seus, para continuarem com o mesmo espirito a sua empreza. Fel-a tambem mais independente de auxilios eventuaes, produzindo os proprios institutos grande numero de miudezas, que em varias exposições industriaes excitaram admiração, e com a venda das quaes se facilita o sustento dos alumnos.

O estabelecimento está florescente, apresentou já muitos fructos de benção, e continúa no espirito do seu instituidor. Actualmente acham-se n'elle 7 meninos e 17 meninas pretos da Abyssinia, Darfur, Sennaar, e d'outros paizes africanos.

A joven imperatriz da Allemanha na sua recente viagem pela Italia teve occasião de visitar o instituto do dr. Mazza, e assistir á instrucção das crianças, cuja intelligencia tinha adquirido desenvolvimento tão feliz. A imperatriz deixou ricos presentes ao estabelecimento, e assegurou-lhe permanente protecção.

S.

GUSTAVO PLANCHE.

Nada ha como a morte para dar ao homem todo o seu valor. Prova-o a bulha que se faz á roda do nome de Gustavo Planche. É a primeira vez que a

morte d'um critico causa tamanha explosão de saudade, como se se tivesse comprehendido em fim que essa perda era irreparavel. Este testimunho de uma estima posthuma, que sóbe á admiração, era bem devido ao eminente escriptor, que um pouco se poz de parte em quanto vivo: dir-se-ha que a morte levantou o interdicto que pesava sobre a sua pessoa. É divida a que os jornaes pequenos e grandes se apressaram a pagar com usura, nos ultimos dias, á memoria de Gustavo Phanche, que agora tem sido objecto de mais homenagem, do que quando ia na sua laboriosa missão.

A brilhante carreira de Planche começou por uma borrasca: o futuro critico deveu enganar as esperanças de seu pae, que o destinára ao estudo da medicina. Seguiu-se uma ruptura que lhe não deixou por companhia senão a pobreza, ao encontro da qual o joven poeta correu com a negligencia da sua edade: dizemos poeta, porque n'essa epocha Planche era de todos os cenaculos, e fazia versos como qualquer outro, e mesmo peior que qualquer outro. Ainda que já tivesse muito lido, e muito comparado, a sua razão não se formou primeiro que o seu gosto. Porque percorria os gabinetes dos pintores, figurou-se um momento que nascêra pintor. Ao menos esta outra illusão attestava um vivo sentimento d'arte, e lhe inspirava o primeiro escripto consagrado á pintura. O seu artigo appareceu na *Gazette littéraire*, collecção cujas paginas não eram assignadas. D'elle resultou para o auctor um começo de reputação anonyma, até que o *Salão de* 1831, publicado pelo jornal *l'Artiste*, veiu descobrir o incognito nome de Gustavo Planche.

Quasi ao mesmo tempo apparecia pela primeira vez na *Revue des Deux-Mondes* com uma eloquente protestação contra os *odios litterarios*, o que fez dizer, injustamente, que o escriptor estava cheio do seu objecto. No meio da batalha, que então se davam os poeticos, este artigo podia effectivamente passar por um pamphleto. O auctor, que só tinha vinte e tres annos, manifestou assim d'um jacto todo o esplendor do seu talento: fazia o brilhante prospecto das suas obras futuras, e teria dado a medida, se não do seu saber, ao menos do seu estilo, diriamos mesmo do seu genio, se não fosse cousa assentada entre os que se arrogam o direito de regular a opinião litteraria, que um simples critico não póde ser nunca homem de genio!

Não esperem aqui o inventario das obras de Planche: por mais numerosas que sejam, o seu valor ainda é maior, e estão para sempre vinculadas ao futuro. Era um benedictino dos tempos modernos, um pensador que ruminou, analysou, e esclareceu todas as idéas nascidas no seu tempo, dando-lhes por molde a sua prosa magistral. Ninguem conservou hasteado com mão mais firme o estandarte, ou, se o querem, a auriflamma da critica. O seu ideal era a verdade artistica, e seguiu-a até ao fim, a despeito dos clamores da mediocridade e indifferença da multidão. Os seus juizos eram solidos, porque eram sinceros, e a sua lucidez era admiravelmente secundada pela sua probidade. A independencia do seu espirito conduzira-o a separar-se de muitas cousas; mas nem porque o mundo lhe fazia mal ao coração, se deve concluir que elle procedia como cynico. Se ostentava o desprezo do conforto, é apparentemente que colloca mais alto a dignidade da vida. Ninguem foi mais fiel ao seu passado, nem cuidou mais em nunca o desmentir. Se querem saber até que ponto o levou o escrupulo a respeito dos compromissos da sua mocidade, leiam o *Homme sans nom*, retrato que parece fantasia, mas que é o seu proprio, inserido ha vinte e cinco annos no *Artiste*.

Como critico, o maior erro de Planche, aos olhos do seu tempo foi não poupar as mediocridades triumphantes; erro que não será a sua menor recommendação aos olhos do porvir. As edades futuras não podem deixar de ser-lhe gratas, por as haver anticipado os seus juizos. Com mais razão lhe lançarão em rosto ter procurado de mais a poesia com a intelligencia, em logar de se limitar a comprehendel-a com o coração. A melodia, a voz da alma, a alma de todas as vozes, emmudecêra por ventura como uma nota insensivel no teclado d'aquelle grande cerebro. Classificava os poetas, mas esquecia-se de julgal-os, ou julgava-os mal. A admiração que testimunhou aos mais gloriosos tem visos de concessão feita á sua nomeada, e demorando-se nas suas prosas, parece querer tirar desforra dos primeiros elogios. Conheceu mal Chateaubriand, cujas obras são poemas a que, pouco mais ou menos, não falta senão a rima; e não fez justiça aos admiraveis retratos historicos de Lamartine. Em tudo o mais Planche parece-nos quasi infallivel; e aos que lhe censuravam amargamente a crueldade das suas execuções, podia responder, como Chamfort: — «Sabei que sempre recebi dez feridas, antes de fazer uma.»

Já que tanto se fallou da sua erudição, será bom dizer o caso que fazia d'ella. Havendo-o alguem louvado por isso exaggeradamente — «Senhor, lhe respondeu elle, os livros não ensinam senão o que sabem, e não é motivo para orgulhos o que n'elles se aprende.»

A independencia era tão cara a Gustavo Planche, e o seu desinteresse tamanho, que fugiu sempre de empregos e distincções com mais diligencia do que a que de ordinario empregam os que os procuram. Temos, porém, alguma difficuldade em acreditar a anecdota que lhe attribuem, de rejeitar a direcção dos museus. Não é impossivel que lhe fizessem offerta tão brilhante; mas não é crivel que n'essa conjunctura assumisse a attitude de Hippocrates quando recusou os presentes de Artaxerxes, porque taes lances repugnavam ao seu caracter. Planche estaria melhor collocado á frente de uma bibliotheca, ou n'uma cadeira da universidade. N'este ultimo logar tinha elle a consciencia dos serviços que podéra prestar, e por isso de boa vontade acceitára a cadeira de historia que a saída de Guizot, pelos successos de 1848, deixára vaga. Um dos seus amigos chegou a communicar esta boa disposição de Planche ao chefe da repartição das letras, no ministerio de Falloux; mas, a despeito do zêlo de Génin, o negocio não passou d'aqui. Escrever uma historia de França foi o seu sonho constante durante quinze annos; mas não lhe foi dado realisal-o. Quanto á academia franceza, nunca pensou n'ella: disse-se entretanto, que das duas cadeiras vagas lhe destinavam uma, e que nas vesperas da sua morte os Quarenta se mostravam mui dispostos a admittil-o sem ceremonia nem visita. Quem sabe? a verdade póde ás vezes deixar de ser verosimil.

UM CONTEMPORANEO DE CARLOS MAGNO

A Sociedade da Historia de França publicou em 1843 uma collecção das obras de Eginhardo, feita por mr. Alexandre Teulet com este titulo: *Eginhardi omnia quæ extant opera primum in unum corpus collecta*. Esta collecção conscienciosamente colligida, não só foi costeada e publicada por aquella sociedade sob os seus auspicios, mas obteve da Academia das Inscripções e Bellas-Letras o mais alto apreço, a ponto de julgal-a n'aquelle anno merecedora da primeira medalha d'oiro no concurso de antiguidades nacionaes. Posteriormente o mesmo mr. Teulet traduziu para o francez as obras do biogra-

pho de Carlos Magno, que foram ha pouco publicadas n'um tomo em 8.° pelos conhecidos livreiros Didot, semi-reis da imprensa franceza, como os denomina o sr. D. Florencio Janer, espirituoso critico hespanhol, de quem tomámos esta noticia bibliographica.

Eginhardo foi, com effeito, um dos escriptores mais notaveis do seculo de Carlos Magno. Não póde fixar-se ao certo a epocha do seu nascimento, ainda que deve calcular-se pelos annos 770, nem o logar da sua naturalidade, embora a opinião geral lhe deixe por patria o territorio de Odenwald, situado então na França oriental, que fórma hoje a provincia de Starkenbourg no grão-ducado de Hesse-Darmstadt. Foi a sua educação das mais aprimoradas que então se recebiam; pois, segundo nos diz o mesmo no prologo de uma das suas obras, a *Vida de Carlos Magno*, a devia á generosidade d'aquelle principe tão sabio como guerreiro. Creára elle no paço uma especie de eschola e academia dirigida pelo celebre Alcuino, onde se instruiam não poucos mancebos illustres, em companhia dos principes, e n'ella obteve Eginhardo ser admittido, tornando-se dentro em pouco um de seus mais bellos ornamentos. Segundo a moda do tempo, imitada em seculos e academias posteriores, os membros da eschola palatina trocavam os seus nomes por outros tirados da Biblia, ou de historias antigas. Carlos Magno chamava-se *David;* Alcuino tomou o nome de *Flacco;* Angilberto o de *Homero;* Eginhardo o de *Beseleel*, pseudonimo que alludia, segundo se julga, ao cargo que desempenhou de chefe das obras publicas.

No anno 802 apparece pela primeira vez o nome de Eginhardo n'um documento, e como se vêem n'elle as assignaturas de alguns condes e bispos, é de crer que fossem todos altos personagens, ou gozassem de elevada posição. Em 806 foi commissionado para levar ao papa Leão a acta da divisão dos estados de Carlos Magno, a fim do pontifice a rubricar. D'esta missão diplomatica se tem querido deduzir que Eginhardo fosse então notario d'aquelle imperador; esta interpretação, porém, não póde verificar-se em nenhum documento antigo. Em 813, na assemblea celebrada em Aix-la-Chapelle, foi Eginhardo quem provocou a declaração pela qual Carlos Magno associou ao seu imperio seu filho Luiz. E na verdade, logo que este principe foi senhor da coroa imperial, não se mostrou ingrato. Eginhardo conservou o seu alto emprego de chefe das obras publicas, e em 817 foi nomeado aio do principe Lotario.

Casado Eginhardo com Imma, ou Emma, para logo trocou o viver conjugal pela solidão do claustro, e veiu a ser abbade de diversos mosteiros. Pertencia sua esposa a nobilissima familia, segundo se deduz de antigos diplomas; porém, ácêrca do seu matrimonio com Eginhardo, mil fabulas differentes se tem inventado. Suppõe-se que Emma era filha do imperador Carlos Magno, e que, cegamente namorado d'ella, Eginhardo penetrou uma noite em seu aposento, onde apagou a sêde dos fervidos desejos que o devoravam. Succedeu de nevar aquella noite com tal abundancia, que, ao retirar-se Eginhardo dos aposentos de Emma, observou que lhe era impossivel sair sem deixar estampados pela neve os vestigios de seus passos.

Afflicto com este contratempo, não sabia o feliz amante o que resolvesse, quando a angustiada princeza lhe propoz leval-o aos hombros, evitando assim que descobrissem o seu erro. Eginhardo acceitou; mas casualmente o imperador, que n'aquelle dia tinha madrugado muito, andava já a tomar o fresco da manhã por uma torre do seu alcaçar, e viu o criminoso par, que fugia timidamente, encobrindo-se com as muralhas. Tomado Carlos Magno de subita raiva, soube todavia calar-se, e logo chamou a conselho os officiaes da sua casa para os consultar sobre tamanha affronta. Diversas foram as opiniões; mas por fim, dando ouvidos ao coração paterno, mandou chamar á sua presença a mortificada Emma, e deu-a por esposa a Eginhardo, de quem apenas exigiu que continuasse a servir com fidelidade o cargo que exercia no paço. E assim que relata o casamento de Eginhardo um antigo cartulario do mosteiro de Lorsch.

Falleceu Eginhardo no anno 844, segundo reza uma chronica de S. Bavon; e foi sepultado ao pé de sua esposa Emma no mosteiro de Seligenstadt.

Os escriptos de Eginhardo são uma *Vida de Carlos Magno*, uns *Annaes*, uma collecção de *Cartas*, uma *Historia da trasladação das reliquias de S. Pedro e S. Marcelino* e um *Poema* sobre o martyrio d'aquelles santos.

L.

MOEDAS ARABES EM CASTELLA

No reinado do califa Ylit entraram os arabes em Hespanha dirigidos por Musa-Ben-Nuzeir, e capitaneados por Tarik, no anno 92 da egira, que corresponde ao 710 da nossa era, segundo Conde. Governada a Hespanha como provincia conquistada, os walis ou caudilhos das tropas recolheram o ouro e prata dos godos. Suas moedas se recebiam a peso, e levavam-nas com o producto dos tributos de Hespanha e Africa, que formavam uma unica caixa. A arrecadação e conducção fazia-se por meio dos caudilhos. Era levada de povo em povo, sendo cada territorio responsavel pela segurança d'aquelles cabedaes quando os caudilhos arabes os não escoltavam, como o diz Ayatos, historiador das conquistas do oriente.

Por este meio desappareceu a moeda goda, e d'ahi provém a sua raridade actual.

Com a entrada dos arabes, diz o mesmo Conde, veiu tambem a Hespanha a sua moeda, cunhada na Syria, em Wacet, e em Harran. Com ella pagavam ás suas tropas, porque não ha monumento que atteste, que na peninsula se cunhasse moeda arabica em quanto foi considerada como conquista, apesar do que se tem dito em contrario, pois levaram a effeito a prohibição do califa Isem-Ben-Abdel-mehk, que ordenou que não se cunhasse moeda nas provincias de conquista, e que só se fabricasse na zeca (casa de moeda) de Wacet. E por isso que as mais antigas moedas arabes, que se acham em Hespanha, são das cunhadas na Syria.

É opinião de Conde, que em Hespanha não se cunhou moeda arabica em quanto não houve n'ella principe independente, o que só se verificou no anno 138 da egira, 737 da era christã, em que Abderraman I, filho de Mohavia, principe da casa Omeia, veiu do oriente á Hespanha, fugindo ás perseguições dos Abassidas, que, usurpando o imperio aos califas, perseguiam de morte os Omeias. Entretanto a bibliotheca nacional de Madrid possue, no seu museu de medalhas, moedas de mais antiga data.

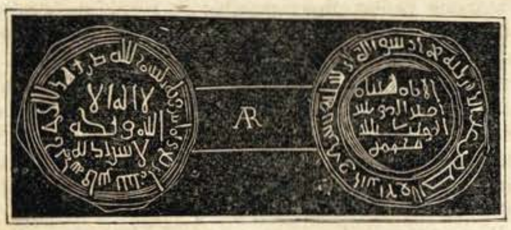
No indicado anno principiou na Hespanha, com o dito principe, a dynastia Omeia. Abderraman, encontrando sympathias nos arabes do paiz, foi elevado á cathegoria de emir, apesar da resistencia de Jusuf Alfehri, ultimo wali ou governador de Hespanha. As moedas d'este primeiro rei dos arabes em Hespanha são eguaes ás que os seus antecessores, os califas Omeias, cunhavam na Syria. A primeira zeca, ou casa da moeda, fundou-se em Cordova em tempo d'este primeiro rei, que para essa cidade mudára a capital de Hespanha, que antes estivera em Sevilha.

Difficultoso é explicar o periodo da historia arabi-

ca numismatica em Hespanha; porque, como em muitas das suas moedas não punham os principes seus nomes, é necessario saber o tempo do reinado de cada um, para applicar ás moedas o que lhe corresponde. Entretanto o erudito Conde na sua memoria sobre as moedas arabicas cunhadas em Hespanha explica perfeitamente quanto pertence a esta parte. A ella devem recorrer os que quizerem ter mais completa noticia a tal respeito, abrindo o tomo V, pag. 225 das *Memorias de la real Academia de la Historia* (Madrid).

Dividido o territorio dos arabes em Hespanha em muitos reinos, todos os principes d'esta raça cunharam moedas até ao seu total exterminio em meiado do seculo XV, em que, expulso de Granada Boadil pelo valor e constante empenho dos reis catholicos, se trocou o crescente pela cruz, fugindo os proselytos de Mafoma para sempre do paiz dos bravos iberos.

Nos sete seculos que os arabes occuparam mais ou menos extensamente a Hespanha, as moedas cunhadas por elles não inscreviam outra cousa mais que louvores a Deus, como por exemplo: — «Não ha Deus, senão Deus unico, não tem companheiro» — lendas do alcorão, e quando muito o nome do principe reinante, a data e o nome da cidade em que se cunhava. O seu maior tamanho foi como o de meio



duro, descendo em varios moldes até ao de um *realito* de hoje, e ainda muito menos, sendo geralmente tão delgadas, que, maximè as de ouro, podem dobrar-se com muita facilidade. A lei do ouro é a mais pura, sem mescla alguma; e pouco menos é a da prata. Em geral estas moedas são redondas, e tem os typos dispostos de tal sorte, que algumas em roda das inscripções do anverso e reverso tem ainda legendas. Os Almohades que reinaram em Hespanha depois dos Almoravides, e que puzeram na sua moeda o nome de Mehdi, fundador da sua dynastia, fizeram-nas cunhar quadradas e geralmente pequenas, com a inscripção no anverso: — «Não ha Deus, senão Deus, todo o imperio é de Deus, não ha poderio senão em Deus,» e no reverso: — «Deus nosso senhor, Mohamad nosso propheta, e Medhi nosso principe.»

É tão extraordinaria a quantidade de moedas ara-



bes que se encontra em Hespanha, que nos monetarios podem juntar-se aos alqueires, confirmando assim a verdade das seis mil encontradas, a maior parte d'esta classe, por um lavrador da provincia de Huelva estando lavrando em terra de Hellin. D'estas moedas as de ouro são em pequena quantidade: a maior abundancia é de prata, e depois de cobre cortado.

Pela sua fabricação, apesar de não haver n'ellas senão inscripções e legendas, porque sendo os arabes inimigos da idolatria, como tal tiveram até as figuras symbolicas e os retratos dos seus reis; póde conhecer-se o gráo de cultura dos arabes hespanhoes, chamados ignorantes pelos seus inimigos de religião, os quaes eram os verdadeiros ignorantes em quanto ás artes, sciencias e letras, que os mesmos arabes cultivavam com exito nos seculos em que a Europa gemia no maior atrazo e obscurantismo, por ter deixado esquecer todos os conhecimentos que na Grecia culta tinham feito as delicias do sabio, e d'onde os tinham tomado os arabes estudiosos.

ARCHITECTURA NAVAL

N'um paiz essencialmente maritimo como este nosso, nunca será de mais tomar conhecimento com os escriptos technicos sobre assumptos navaes produzidos lá por fóra. A imprensa hespanhola, em seu abono se diga, abunda em diversas especialidades, e n'algumas, se não em todas, póde, com vantagem para nós, ser consultada. Uma obra indicariamos aos nossos constructores, aliás mui peritos, que no paiz visinho tem sido muito bem recebida. É a primeira original d'este genero que se publica em Hespanha. Intitula-se: *Curso metodico de arquitectura naval, aplicada á la construccion de los buques mercantes.* É um volume em 4.º grande, com mais de 150 gravuras entercaladas, e comprehende o texto doutrinal, um diccionario da especialidade, vocabularios estrangeiros e appendices interessantes, acompanhado d'um atlas com 17 estampas primorosamente lithographadas. De Barcelona, onde reside o auctor D. Juan Monjó y Pons, podem os curiosos mandar vir esta obra.

De passagem nos permittiremos aqui aconselhar aos nossos mercadores de livros, que tratem de vencer as difficuldades que até hoje se tem opposto a que nos seus depositos se encontrem as novidades da livraria hespanhola, ou a que se encarreguem das encommendas que se lhes fazem de producções castelhanas.

L.

ENIGMA PITTORESCO



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa Vista, 1 P.